

## Artigo

# Sob o olhar que acolhe: sensibilidade e (in)compreensão na escola

From the look that welcomes: sensitivity and (lack of) understanding at school

Bajo la mirada que acoge: sensibilidad y (in)comprensión en la escuela

Cleide Rita Silvério de Almeida<sup>1</sup>; Maria Matilde Antonelli<sup>2</sup>; Saulo de Oliveira Pena<sup>3</sup>

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo - SP, Brasil

### Resumo

Este artigo, de natureza teórica e documental, é um exercício de compreensão e sensibilidade para professores por meio de um enredo muito particular. Optou-se pelo filme “Como estrelas na Terra – Toda criança é especial” (2007), dirigido por Aamir Khan, que projeta caminhos para refletir sobre as ações de acolhimento no ambiente escolar. Com ele, espera-se pensar maneiras de despertar o olhar compreensivo de docentes para alunos com as mais diversas condições físicas e/ou neuropsicológicas, tendo em vista que a experiência de trabalho compartilhada entre professores oferece espaço privilegiado para reflexões como essa. Para a presente pesquisa, considera-se que os enredos fílmicos podem contribuir para repensar e compreender a educação; os subsídios teóricos para o debate estão atrelados ao conceito de pensamento complexo de Edgar Morin, ao tratar da sensibilidade e compreensão. A percepção adotada é a de que os enredos podem oferecer a oportunidade de pensar as diferentes condições que os alunos apresentam na escola e ilustrar caminhos para acolher essas crianças com dignidade e respeito. O filme pode auxiliar os envolvidos a

<sup>1</sup> Pós-doutorado pelo Centro de Estudos Transdisciplinares Sociologia, Antropologia e História (CETSAH), atual Centro Edgar Morin, unidade da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHES) em Paris (França) associada ao Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS). Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Bacharel e Licenciada em Filosofia pela PUC-SP. Pesquisadora em Educação e Complexidade há mais de 10 anos, sendo fundadora do Núcleo Interinstitucional de Investigação da Complexidade (NIIC), cadastrado no Diretório do CNPq, com o nome atual GRUPEC: Grupo de Pesquisa em Educação e Complexidade, sediado na Universidade Nove de Julho (UNINOVE), em São Paulo, onde é Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1135-9855>. E-mail: cleidea@uol.com.br.

<sup>2</sup> Doutora em Educação (2021) pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE); Mestre em Educação (2009) pela Universidade Metodista de São Paulo; Pós-Graduada em Violência Doméstica contra crianças e adolescentes (2003) pela Universidade de São Paulo (USP); Pós-graduada em Educação Infantil (2016) pela Universidade São Luís; Graduada em Pedagogia (2000) pela Faculdade São Bernardo do Campo (FASB). Integrante do GRUPEC: Grupo de Pesquisa em Educação e Complexidade, sediado na Universidade Nove de Julho UNINOVE. Atualmente é professora efetiva da Rede Pública do Município de Santo André (SP), desde 2006. <https://orcid.org/0000-0003-4014-2049>. E-mail: mariamatilde.antonelli@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE e licenciado em pedagogia pela mesma instituição. Graduado em Letras pelo Centro Universitário Fundação Santo André, é especialista em práticas de ensino em língua portuguesa, com pós-graduação pela UNICAMP. Atualmente, leciona esta disciplina na rede pública municipal de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1908-020X>. E-mail: saulopena@gmail.com.

ALMEIDA, C. R. S., ANTONELLI, M.M., PENA, S. O. *Sob o olhar que acolhe: sensibilidade e (in)compreensão na escola.*

partir de uma educação que promove a transição do olhar excludente para o olhar acolhedor, nesse sentido oferece a possibilidade de ampliar e enriquecer uma discussão urgente.

### **Abstract**

This article, of a theoretical and documentary nature, is an exercise of understanding and sensitivity for teachers through a very particular plot. We opted for the film *Como estrelas na Terra – Toda criança é especial* (2007), directed by Aamir Khan, which projects ways to reflect on the actions of welcoming in the school environment. With this movie, it is expected to think about ways to awaken the comprehensive view of teachers for students with the most diverse physical and/or neuropsychological conditions, considering that the experience of shared work between teachers offers privileged space for reflections such as this. For the present research, it is considered that filmic plots can contribute to rethink and understand education; the theoretical subsidies for the debate are linked to Edgar Morin's concept of complex thinking, when dealing with sensitivity and understanding. The perception adopted is that the plots can offer the opportunity to think about the different conditions that students present in school and illustrate ways to welcome these children with dignity and respect. The film can help those involved from an education that promotes the transition from the exclusionary look to the welcoming look, in this sense, offers the possibility of broadening and enriching an urgent discussion.

### **Resumen**

Este artículo, de carácter teórico y documental, es un ejercicio de comprensión y sensibilidad para profesores por medio de un argumento muy particular. Se ha elegido la película "Estrellas en la Tierra – Todo niño es especial" (2007), dirigida por Aamir Khan, que muestra caminos para reflexionar sobre las acciones de acogida en el entorno escolar. Con ello, se espera pensar en formas de despertar una mirada comprensiva de los profesores hacia los alumnos con las más diversas condiciones físicas y/o neuropsicológicas, teniendo en cuenta que la experiencia del trabajo compartido entre profesores ofrece un espacio privilegiado para reflexiones como esta. Para la presente investigación, se considera que las tramas cinematográficas pueden contribuir a repensar y comprender la educación; la base teórica del debate está vinculada al concepto de pensamiento complejo de Edgar Morin, al tratar de la sensibilidad y la comprensión. La percepción adoptada es que las tramas pueden brindar la oportunidad de pensar acerca de las diferentes condiciones que los alumnos presentan en la escuela e ilustrar caminos para acoger a estos niños y niñas con dignidad y respeto. La película puede ayudar a los implicados a partir de una educación que promueve la transición de una mirada excluyente a otra acogedora, y en este sentido ofrece la posibilidad de ampliar y enriquecer un debate urgente.

**Keywords:** Understanding. Dyslexia. Teacher. Sensitivity.

**Palavras-chave:** Compreensão. Dislexia. Professor. Sensibilidade.

**Palabras clave:** Comprensión. Dislexia. Profesor. Sensibilidad.

### **Introdução**

O olhar do professor [...] é um poder bruxo. O olhar de um professor tem o poder de fazer a inteligência de uma criança florescer ou murchar. Ela continua lá, mas se recusa a sair para a aventura de aprender. (Alves, 2002, p. 38).



Professores vivenciam, em diferentes momentos (como os de formação ou os períodos de planejamento), discussões acerca de filmes na escola e reconhecem formas de despertar a empatia a partir dessas experiências. Conforme a produção audiovisual se populariza e alcança diferentes âmbitos da sociedade, a escola pública tem a possibilidade de se utilizar do material artístico para considerar discussões há muito urgentes, como o acolhimento e o trato sensível à realidade do aluno com necessidades especiais.

Um exemplo, nesse contexto, é o filme “Como estrelas na Terra – Toda criança é especial”, do hindu Aamir Khan, lançado em 2007<sup>4</sup>, que traz à luz uma realidade local – e, ao mesmo tempo, global – na medida em que expõe aspectos da dinâmica das relações humanas, especialmente no que se refere às crianças com necessidades especiais nas escolas.

Antes mesmo dos letreiros de apresentação do filme, após um breve texto de esclarecimento sobre o fato de a história narrada não representar factualmente as escolas que servem como parte do cenário para o enredo, letras combinadas passam a se repetir na tela, formando frases sem sentido; os caracteres parecem respeitar algum padrão, combinando-se, em um segundo momento, com números e símbolos.

Ao fundo, ouvimos o que parecem ser nomes de alunos, seguidos de suas respectivas notas. A imagem de uma professora segurando um diário de controle das avaliações é sobreposta a esse fundo, que, por sua vez, se revela uma lousa cheia de registros escritos. O único aluno com nota vermelha é Ishaan Awasthi.

Awasthi tem dislexia, mas sua família, assim como a escola que o menino frequenta, desconhece o diagnóstico e tratam-no como se fosse preguiçoso e desatento. Ele não consegue avançar na aquisição da leitura e escrita, tampouco responder às expectativas de seus pais e professores.

É enorme o desafio de encontrar alternativas nos espaços escolares para que a inclusão seja de fato garantida. Essa garantia, inclusive, deve ser pensada na esfera constitucional considerando alguns questionamentos: como é possível pensar uma educação que se volte às diferenças dos alunos se o enfoque nas escolas é na homogeneização? Como pensar uma educação inclusiva sem reconhecer as diferenças dos alunos como sendo parte de sua subjetividade? Como fazer a complexidade de tal discussão residir o campo pedagógico?

O filme aqui tratado oferece subsídios para ampliar o debate acerca da compreensão sobre o diferente, que ainda constitui um desafio para a escola. Não basta garantir o acesso da criança portadora de necessidades especiais; é preciso oferecer uma educação, que, nas palavras de Edgar Morin, “nos inicia a viver” (2010, p. 49). Segundo o autor, “literatura, poesia, cinema, psicologia, filosofia deveriam convergir para tornar-se escola da compreensão” (Morin,

---

<sup>4</sup> O filme “Como estrelas na Terra – Toda criança é especial” \*(ou “*Taare Zameen Par*”, no título original) foi escrito por Amole Gupte e dirigido por Aamir Khan, também produtor da obra. É um drama de origem indiana, com duração 165 minutos, e foi lançado inicialmente em 2007. “Em 2010, os direitos foram comprados pela *Walt Disney Home Entertainment* para ser distribuído comercialmente no Reino Unido, nos Estados Unidos e Austrália, como ‘*Like Stars on Earth*’”. Este último dado está disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-147116/>>. Acesso em: 2 abr. 2020.

2010, p. 51), o que, por sua vez, constitui-se em “uma exigência chave de nossos tempos de incompreensão” (Morin, 2010, p. 51).

O artigo é composto de cinco partes. A primeira contempla a introdução que traça os objetivos e as motivações gerais que fundamentam o texto. A segunda apresenta uma sinopse do filme com o intuito de contextualizar o enredo nos demais segmentos. A terceira e a quarta trazem, respectivamente, uma reflexão sobre a educação inclusiva no ensino regular das instituições públicas e destaca o potencial sensibilizador do filme para problematizar diferentes temas nas escolas, especialmente nos encontros de diálogos entre os professores. Na quinta são tecidas considerações nas quais constam as argumentações que concluem o debate.

## 1. O despertar da sensibilidade

O filme “Como estrela na terra” (2007), do ator e produtor Aamir Khan, é ambientado na Índia, entre cidades que concentram polos industriais, e traz como protagonista Ishaan, uma criança entre 8 e 9 anos, permanente no terceiro período (no sistema educacional hindu). Para Ishaan, as tarefas do cotidiano são de pura complexidade. Por consequência, fatores como a reincidência das dificuldades escolares, os atrasos rotineiros nas atividades simples (como ir à escola), a distração que se contrapõe à seriedade das aulas e a organização não imediata do tempo para ações esperadas da criança vão criando uma atmosfera de incompreensão por parte dos adultos à sua volta.

Enquanto os garotos do colégio se esforçam para se enquadrar no padrão escolar estabelecido, outros interesses se apresentam para o protagonista, que, por exemplo, contempla um aquário e tenta pegar os peixinhos com sua garrafa como quem pesquisa o fundo colorido no balanço da água. Sempre concentrado em suas investigações, o garoto também não percebe seu nome pronunciado com rigidez pelo motorista de ônibus que o conduz da escola para casa.

A delicadeza e a criatividade parecem dominar sua imaginação. Cenas musicais aparecem como artifícios da narrativa para contestar a dificuldade de concentração da criança. A arte musical que envolve as cenas dá o tom, cria o clima do interior dos sentimentos dessa personagem. É mágico ver o mundo pelos olhos de Ishaan. A fantasia aparece em animações inspiradas nos desenhos e nos devaneios do garoto, que, por sua vez, está sempre fazendo várias coisas ao mesmo tempo, porém, sem terminar o que começa; o resultado disso é frequentemente uma agitação.

As informações que Ishaan escuta, parecem ser pouco processadas, especialmente quando este se encontra em uma situação difícil. Uma série de obstáculos colocam em xeque suas habilidades – sempre reprovadas na perspectiva institucional. Por outro lado, os conflitos com outros meninos da vizinhança revelam o despreparo e a falta de informação da família.

O mesmo acontece na escola. Uma situação complexa na sala de aula é vivida por Ishaan durante a leitura individual solicitada pela professora; constrangido, o menino diz que as letras dançam à sua frente. Ao tentar lê-las, ele balbucia sons incompreensíveis e não corresponde às expectativas da docente, que defende uma pedagogia da certeza de que todas as crianças são iguais (e a de que, portanto, todos devem ler com fluência). A mulher o expõe na presença dos amigos e o faz retirar-se da sala de aula.

A exclusão no contexto escolar é sentida pelo protagonista. Deslocado, ele abandona o colégio e caminha pelas perigosas ruas da cidade de forma negligente. A sensibilidade novamente ganha representação quando, impressionado com a vida agitada da cidade, Ishaan volta a sorrir. Enquanto isso, a letra da música que compõe a cena diz “tudo que preciso é ser livre”, denunciando o efeito negativo que a sociedade, na figura da família e da escola, exerce sobre ele.

Nos momentos de solidão, seu imaginário flui em um colorido paralelo à vida que sonha. Entretanto, o desempenho escolar insuficiente vai se perpetuando. Sua mãe tenta ajudá-lo com a lição de casa e o considera desconcentrado, brincalhão. Ishaan reage como uma criança que não vê alternativa a não ser brincar e fazer graça. A mãe parece não entender. Novamente, as cenas musicais retratam a rotina familiar de Ishaan e da sociedade capitalista patriarcal. A brutalidade no seio familiar é retratada no ritmo da música, que acelera ao som de uma guitarra distorcida.

Eles dormem atentos,  
ficar para trás não é uma opção.  
Trabalhe duro,  
obedeça às ordens.  
Eles comem omeletes,  
vitaminas e tônicos.  
Um regime estrito de trabalho e descanso.  
Esforçando-se, dando duro, abra o caminho.  
O mundo é assim, continue.  
Seu objetivo o chama, continue (Prasoon Joshi, 2007).

São ideias antagônicas em recursividade, sem negar a oposição. As imagens do clipe musical trazem o foco para a rotina de Ishaan. O ritmo e a melodia transformam-se em sons agradáveis, sensíveis e poéticos.

Mas aqui, outro tema prospera,  
De andar na música de um sonho,  
Na hora de um duelo,  
Transformar a fantasia em realidade.  
Eles sempre te perguntarão...  
Por que o lema do mundo é “continue”? (Prasoon Joshi, 2007)

A vida do garoto é marcada por um drama que permeia todo o filme: a incompreensão e a rejeição. Sofria na escola, tinha dificuldade na leitura, na escrita e não conseguia compreender as questões de matemática. Conhecimentos parcelados, como se estivessem em gavetas diferentes, não dão conta do que se deseja de um ensino para a vida. É preciso religá-los. Tal como o aprendizado disciplinar, sua própria vida, por extensão, parecia desconectada, principalmente no que tange à família. As práticas pedagógicas que Ishaan recebe, marcadas pela separação, não consideram que “a criança está apta para captar essa complexidade do real, enquanto o adulto, frequentemente formado pelo ensino acadêmico, não consegue mais percebê-la”. (Morin, 2015, p. 109).

Em determinado momento, o pai de Ishaan é chamado à escola e ouve a alegação de que o comportamento do filho era “inadequado”. A diretora da escola alude ao fato de talvez Ishaan ser “especial” e acrescenta que “algumas

crianças têm menos sorte”; a orientação da mulher é a de que “existem lugares para crianças ‘assim’ estudarem”. Perplexo, o pai acusa o colégio de ter um elevado número de alunos, um dos motivos da impossibilidade de dedicar a atenção individual necessária ao filho. Depois disso, o pai de Ishaan decide matricular o protagonista em um colégio interno, cuja filosofia, segundo seu diretor, é a de "disciplinar cavalos selvagens".

Mais uma vez, a música revela angústias do garoto pela letra "você sabe de tudo, não é, mamãe?" (Maa<sup>5</sup>), provocando no espectador um sentimento compreensivo, ao mesmo tempo em que reforça a solidão da incompreensão:

Não me deixe sozinho na multidão,  
não encontrarei o caminho de casa.  
Não me mande para longe,  
para onde você não vai se lembrar de mim.  
Eu sou assim tão ruim, mãe?  
Sou tão ruim, minha mãe (Prasoon Joshi, 2007)

Durante a aula, o professor de Língua Nativa solicita a Ishaan a interpretação de um poema recitado por um colega. Ao interpretá-lo, Awasthi demonstra grande percepção e propriedades de abstração, incomuns para crianças daquela idade; contudo, o professor espera uma espécie de paráfrase ou explicação racional do poema. Situações como esta se repetem em outras disciplinas, reforçando os problemas que o garoto já vinha enfrentando.

De modo geral, a escola é habituada a exigir respostas prontas para reafirmar o que se espera em cada uma das disciplinas, sempre inscritas em seus limites, sem a possibilidade de pontes para outros assuntos. Atualmente, ainda encontramos nas instituições de ensino um sistema fechado, que não permite ver o outro; uma aprendizagem na modalidade cartesiana, que representa um distanciamento da realidade complexa e híbrida da vida.

O que agrava a dificuldade de conhecer nosso Mundo é o modo de pensar que atrofiou em nós, em vez de desenvolver a aptidão de contextualizar e de globalizar, uma vez que a exigência da Era planetária é pensar sua globalidade, a relação todo-partes, sua multidimensionalidade, sua complexidade (Morin, 2003, p.64).

Nesse sistema de ensino, os olhos do menino vão perdendo o brilho e se apagando. A chama da curiosidade e da alegria interior também. Um exemplo prático do atrofiamento é a diminuição da frequência com que Ishaan desenha – desenhar era a forma de expressão com que ele mais se identificava. O menino passa a externalizar rebeldia em suas atitudes, e os professores demonstram falta de expectativas sobre o seu aprendizado.

Inesperadamente, um ponto de virada no enredo se apresenta, e o filme ilustra a mensagem principal: a necessidade de se ler as entrelinhas, de buscar o que não foi dito, elementos fundamentais para uma relação

---

<sup>5</sup> Letra e tradução disponíveis em: <

<https://www.vagalume.com.br/como-estrelas-na-terra-trilha-sonora/maa-traducao.html>>.

Acesso em: 4 abr. 2020.

humanizada. A compreensão passa a ser explorada no enredo quando Ishaan encontra, na sensibilidade de um professor substituto de Arte, a compreensão e o acolhimento. Nesse momento, o espectador é levado a se questionar: quantas crianças passam ou passaram pela vida escolar incompreendidas em sua diferença, em sua subjetividade?

No contexto escolar rígido que ambienta o filme, as mudanças começam a ser sinalizadas pelo olhar sensível de um professor que entra em cena. Provisoriamente, Nikumbh, o novo professor de Arte, transforma a sala de aula em um lugar agradável e acolhedor para o aprendiz. Ele foge do rigor tradicional, partindo de uma metodologia que envolve e estimula a construção do conhecimento. Preocupado com a qualidade da experiência que o ensino proporciona, o professor apresenta-se aos alunos cantando e dizendo que “o mundo é o que imaginamos, está nos olhos de quem vê / abram suas asas, deixem suas cores voarem”.

O professor é também pesquisador, e investiga as necessidades do protagonista. A reflexão começa na questão: o que prende Ishaan? A primeira resposta é encontrada na família e na compreensão da história de vida do garoto. As aulas são fundamentadas no diálogo e no respeito à singularidade humana. Assim, o docente consegue perceber que a história do menino converge com pontos de sua própria trajetória de vida.

A semelhança já começa no fato de Nikumbh representar uma perspectiva inusitada no colégio; por isso, ele enfrenta obstáculos na própria ideologia dos professores da escola, quando estes dizem: “esta é uma escola formal, seu estilo de ensinar cantando e dançando não vai funcionar aqui”; para os demais docentes, era preciso preparar “as crianças para a batalha que é a vida”, ou seja, “as crianças têm que competir para obter sucesso e criar um futuro”. São também os colegas de profissão de Nikumbh que enfatizam os princípios da escola: “ordem, disciplina e trabalho – a base de uma educação completa”.

Como deveria acontecer em todas as escolas, a criança finalmente encontra, na sensibilidade desse professor, a compreensão e o acolhimento. Nikumbh começa a ensinar as letras, identificar os sons e as sentenças numéricas fazendo intervenções pedagógicas, trazendo recursos e estratégias diferentes.

Agora, passemos para uma reflexão teórica para além do filme; para fundamentar e ajudar a perceber a amplitude da importância da relação aqui abordada é possível considerar as palavras do escritor Rubem Alves:

A criança, de olhar amedrontado e vazio, de olhar distraído e perdido. Ela não aprende. Os psicólogos se apressam em diagnosticar alguma perturbação cognitiva. Chamam os pais. Aconselham-nos a enviá-la para terapia. Pode até ser. Mas uma outra hipótese tem que ser levantada: que a inteligência dessa criança que parece incapaz de apreender tenha sido enfeitiçada pelo olhar do professor. Por isso lhe digo, professor: cuide de seus olhos [...]. (Alves, 2002, p. 38).

Somando a reflexão de Rubem Alves à presente análise, claro está que o olhar de Ishaan para com o mundo ganha outro sentido quando este percebe que é notado por Nikumbh, que adota estratégias de aproximação para incluir o aluno nas discussões em sala. Durante a aula, o docente cita

gênios da humanidade que, quando crianças, apresentavam dificuldades de aprendizagem na escola. Ele começa com o exemplo de Albert Einstein, segue contando sobre Leonardo da Vinci, Thomas Edison, Walt Disney e Agatha Christie (escritora que, quando criança, não conseguia ler direito). Por fim, o próprio professor se apresenta como uma pessoa disléxica, explicando essa condição.

O espectador percebe, aqui, o olhar investigativo do professor que se preocupa com a forma de aprender, e não apenas de ensinar. Nikumbh conduz as aulas a partir do desafio de fazer o conhecimento de todas as crianças progredirem; suas aulas são organizadas pelo resgate de materiais antigos, desenhos e pinturas, objetivando atender a cada aluno em sua própria individualidade, para que, enfim, a criatividade emerja.

Ao mesmo tempo, Nikumbh ampara o pai e busca informações acerca da condição de Ishaan. Para isso, o professor traz a metáfora da história das Ilhas Salomão: “Conta-se que, se os nativos desta ilha querem parte da floresta para a agricultura, eles não cortam as árvores; simplesmente se juntam ao redor delas e gritam xingamentos, dizem coisas ruins. Em alguns dias a árvore seca e morre sozinha”. As palavras despertam um olhar mais reflexivo e atento por parte dos pais. Em pouco tempo, a observação minuciosa sobre as características de Ishaan o levou ao diagnóstico de dislexia.

O processo cognitivo vivido nas aulas de Arte alargou o sorriso de Ishaan, até então constantemente submetido a situações de rejeição, que violavam seus direitos enquanto criança. Muitas emoções podem nascer do encontro entre professores e alunos; dessa união, pode vir à tona uma apropriação da leitura e da escrita que outrora era muito difícil.

Gradativamente, no filme, o olhar e o fazer pedagógico cumprem um papel que deveria ser prioritário também fora do âmbito artístico, na própria realidade de ensino: o de reunir, em uma unidade de conhecimento, a compreensão de todas as disciplinas. Não só isso: superar o preconceito e desmistificar as expectativas dos demais professores, que centram suas aulas em uma única área do conhecimento.

A inovação pedagógica de Nikumbh ultrapassa os limites da sala de aula e reúne os alunos em torno da arte com um festival de desenho proposto pelo professor. O evento acontece em uma grande escadaria, em forma de arquibancada. Na presença de todo o colégio – estudantes e profissionais –, o garoto, mesmo em atraso, aparece e faz um belo desenho. Sua autoestima é resgatada, e Ishaan consegue recuperar um pouco do amor pela vida, que vinha aos poucos perdendo de vista. Para analisar essa cena, vale acrescentar as palavras de Esther Pilar Grossi, citada por Assman, para quem “a escola geralmente não é boa, porque costuma ser um lugar de baixa autoestima (de professores e alunos)” (Assmann, 2011, p.35).

O filme oferece a oportunidade de tratar, por meio da sensibilidade, questões que vão além dos problemas da dislexia. Como pano de fundo, está a relação humana. A universalidade da condição humana desabrocha perante o espectador, na individualidade do caso da criança tratada na narrativa. Como na vida, a relação entre o prosaico e o poético aparece em conflito no enredo, criando uma sensação de estarmos assistindo a uma história que, ao problematizar sensibilidade e compreensão, provoca-nos a repensar nossa presença neste mundo.



## 2. Educação inclusiva: o caso da dislexia

O paradigma da educação inclusiva é discutido mundialmente, fundamentado no direito de todos os alunos ingressarem na escola, interagirem e estarem junto com os colegas, com oportunidades iguais de aprendizagem, sem nenhum tipo de discriminação e com o amparo de diretrizes internacionais atreladas aos direitos humanos<sup>6</sup>.

Segundo as pesquisadoras Sônia das Dores Rodrigues e Sylvia Maria Ciasca (2016), em um trabalho realizado no Laboratório de Pesquisa em Dificuldades, Distúrbios de Aprendizagem e Transtornos da Atenção (DISAPRE) da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas, concluiu-se que, dentre todos os transtornos de aprendizagem que atingem crianças e adolescentes, a dislexia é o mais pesquisado e difundido. Ela é definida como sendo um transtorno específico de aprendizagem que acomete em torno de 3% a 5% dos alunos. No estudo, apontou-se dificuldade na aquisição, fluência da leitura e da escrita e déficit no processamento fonológico como as principais características encontradas nos discentes com essa condição.

[...] a sensação que se tem é que ainda há dificuldade em se lidar adequadamente com esse transtorno, principalmente no contexto escolar. Como consequência, não é incomum termos de um lado o professor, que se sente frustrado e impotente por não saber lidar adequadamente com essa problemática, e de outro, o aluno, que vivencia o constante sentimento de fracasso no curso do seu desenvolvimento. (Rodrigues; Ciasca, 2016, p. 87).

Em definição adotada pela IDA – *International Dyslexia Association*<sup>7</sup> – em 2002, a “dislexia do desenvolvimento” é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada pela dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Esses obstáculos normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperados em relação à idade e a outras habilidades cognitivas.

A dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem porque seus sintomas geralmente afetam o desempenho acadêmico de alunos; não existe nenhuma outra alteração (neurológica, sensorial, cognitiva ou motora) que justifique as dificuldades observadas.

<sup>6</sup> “O conceito de Direitos Humanos reconhece que cada ser humano pode desfrutar de seus direitos humanos sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outro tipo, origem social ou nacional ou condição de nascimento ou riqueza”. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/#:~:text=O%20conceito%20de%20Direitos%20Humanos,condi%C3%A7%C3%A3o%20de%20nascimento%20ou%20riqueza>. Acesso em: 4 abr. 2020.

<sup>7</sup> Associação vinculada ao National Institute of Child Health and Human Development – NICHD. A definição é usada pelo Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos. Esse Instituto apoia e realiza pesquisas destinadas a melhorar a saúde de crianças, adultos e famílias. Oferece também suporte a pesquisas. Disponível em: <<https://dyslexiaida.org/>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia<sup>8</sup>, a condição afeta, principalmente, o processo de alfabetização, habilidades básicas de leitura e linguagem. Dados disponibilizados pela instituição da pesquisa realizada entre 2013 e 2018 mostram que 79% dos disléxicos apresentam significativos percentuais de alteração nos exames de processamento auditivo. Portanto, a dislexia tem suas raízes no sistema fonológico cerebral.

De acordo com Ianhez e Nico (2002), pessoas com o diagnóstico apresentam dificuldades para interpretar os sons das palavras e associá-los com as letras ou a sequência de letras que os representam. É comum que os indivíduos apresentem disgrafia, que provoca a escrita vagarosa e dificultosa, resultando em uma letra que aparece malfeita, ou “feia”.

Pode acontecer ainda de se fazer confusão com as letras e as sílabas das palavras, escrever de forma espelhada, com as letras ao contrário, ou mesmo escrever da direita para a esquerda. Outras características comuns do transtorno incluem dificuldades com nomeação rápida, memória de trabalho e encadeamento de informações, como a disnomia e a discalculia.

Conforme aponta a Associação Brasileira de Dislexia, esse transtorno específico de aprendizagem não tem ligação com nenhum tipo de retardo ou deficiência mental. Como se trata de uma dificuldade de aprendizagem, a criança pode apresentar mau comportamento dentro e fora da sala de aula. Quando o educador supuser que algum aluno ou aluna sofre de um distúrbio, o profissional deverá imediatamente procurar auxílio.

Quanto mais cedo o diagnóstico, mais ajuda a criança poderá receber, pois o disléxico necessita de formas diferenciadas de relação com o conhecimento, o uso de material concreto, ouvir repetidamente informações, para que se aproprie dos novos temas. A dislexia está relacionada a dificuldades na leitura e na escrita. Isso ocorre independentemente do método utilizado na alfabetização. Problemas neurológicos e histórico pessoal podem ser considerados como causa. A presença da família e o apoio pedagógico no tratamento contínuo a essas pessoas configuram o caminho para guiar a criança a desenvolver suas habilidades e proporcionar a ela as mesmas oportunidades de todos.

Nesse sentido, embora seja de uma cultura completamente diferente da nossa, o filme em questão, “Como estrelas na Terra” (2007), aponta para a necessidade de se ter um novo olhar para a inclusão escolar e pode funcionar como uma força para conscientizar sobre a presença do aluno com necessidades especiais, presença essa que vai se tornando cada vez maior em todos os níveis da educação.

As notas estatísticas do Censo Escolar da Educação Básica de 2018, publicadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), revelam o seguinte cenário: i) o número de matrículas da educação especial chegou a 1,2 milhão em 2018, um aumento de 33,2% em relação a 2014; ii) o aumento de matrículas da educação especial na educação básica foi influenciado pelas matrículas de ensino médio, que dobraram durante o período; iii) tendo como referência os alunos em idade escolar obrigatória - de 4 a 17 anos - da educação especial, verifica-se que o percentual de

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.dislexia.org.br/estatisticas-2013-2018/>. Acesso em: 4 abr. 2020.

matrículas de alunos incluídos em classe comum também vem aumentando gradativamente, passando de 87,1% em 2014 para 92,1% em 2018. (Zardo, 2019, p. 137).

Ter esses alunos na educação básica configura um cenário de respeito à heterogeneidade. Seu acesso ao ambiente escolar demonstra esforços para inseri-los na sociedade e, ao mesmo tempo, colocar a sociedade no mundo deles. São conquistas no âmbito legal, que sustentam a humanização não só da escola, mas da coletividade como um todo.

Ao receber alunos especiais no ensino regular das instituições públicas, mostra-se cada vez mais que é necessário pensar a relação entre o professor e os alunos. Os encontros de diálogos entre os professores nos momentos de interação para a análise de um filme podem trazer sensibilidade e ideias para pensar o planejamento considerando as possibilidades de interação que essa expressão artística oferece, não como receita, mas para orientar novas estratégias do grupo. É uma forma de entender a arte e, a partir dela, “conhecer os contextos e a complexidade das situações nas quais devemos agir” (Morin, 2014, p. 61).

### 3. Por que o filme?

O filme de Aamir Khan (2007) desperta a sensibilidade em seus espectadores – em especial, nos professores –, ainda que mostre apenas como pano de fundo a maneira como as pessoas (e, por extensão, as escolas) podem se enganar em relação aos estudantes. Apesar de ser uma narrativa ficcional, a obra desperta a noção de que existem muitos “Ishaans” em nossos ambientes de ensino.

Em uma realidade educacional ainda estruturada para que todos sejam iguais e para que aprendam de maneira padrão, na separação das disciplinas, vivendo suas vidas conforme o planejado, o filme oportuniza ao espectador a compreensão do quanto se pode ser insensível manter uma sociedade marcada pela competição, que busca resultados práticos, inclusive na escola.

O cinema, de maneira geral, permanece presente no imaginário e no inconsciente de seus espectadores; por isso, uma de suas grandes potencialidades é contribuir para transformar o pensamento. Muitas vezes, as narrativas constroem uma ponte para que os indivíduos façam descobertas sobre si e sobre o mundo. A eficácia estética de sua sensibilidade reside na possibilidade de aprender a ver e entender a realidade por meio de histórias ficcionais. Vivências marcantes de descobertas são apresentadas por essas narrativas audiovisuais, e valores são postos ao debate. Nesse sentido,

São o romance e o filme que põem à mostra as relações do ser humano com o outro, com a sociedade, com o mundo. O romance do século XIX e o cinema do século XX transportam-nos para dentro da História e pelos continentes, para dentro das guerras e da paz. E o milagre de um grande romance, como de um grande filme, é revelar a universalidade da condição humana, ao mergulhar na singularidade de destinos individuais localizados no tempo e no espaço. (Morin, 2010, p. 44).

A intenção de explorar filmes com professores na escola se baseia no potencial sensibilizador das obras, que permite interpretações e problematizações de diferentes temas. Para Morin (1980), trata-se, de um lado, da distinção e da relação entre aspectos formais – portanto, mais objetivos – e, por outro, de questões relacionadas às intenções e às possíveis interpretações que contribuiriam para o que se entende por subjetividade.

Assim, “objetivo” e “subjetivo”, nessa reflexão, referem-se, respectivamente, à forma ou à técnica (seja de filmagem ou composição narrativa), e a aspectos relativos à interpretação, à formação mediada pela relação que o espectador estabelece com o mundo exterior e interior ao ver um filme. Real e imaginário se confundem com o que se experimenta nesses enredos.

Voltando ao filme em questão, pensemos na dislexia como pano de fundo. A maneira como o espectador (especialmente se este for um professor) experimenta outros mundos – no caso, a cultura hindu – e consegue se relacionar com questões muitas vezes filosóficas, como símbolos e referências feitas por personagens, muitas vezes chega a se sobrepor às temáticas abordadas em primeiro plano pelo drama narrativo. A vida no cinema se exhibe pelas lentes das máquinas do cineasta. O inusitado é proposto em cada cena. Entre as emoções e as reflexões, é possível encontrar subsídios de considerável complexidade:

O cinema é, pois, o mundo, mas um mundo meio assimilado pelo espírito humano. Assim como também é o espírito humano, mas projetado este, ativamente, no mundo, em todo o seu trabalho de elaboração e de transformação, de permuta e de assimilação. (Morin, 1980, p. 188).

A relação entre subjetivo e objetivo – ou mesmo entre real e imaginário – que permeia o filme representa, para Morin (1980), muito acerca do espírito humano. Conceitos referentes ao mundo e à sociedade são transformados e transmitidos numa nova perspectiva; mais que isso, são captados, como numa troca, pela magia das telas, impactando os espectadores. Eles oferecem uma “compreensão das coisas (situações, fatos) e do mundo” de maneira comum a diferentes culturas” (Morin, 1980, p. 179).

Abandonar os pontos de vista dos saberes separados que não sabem enxergar a urgência do essencial; [...] conhecer os contextos e a complexidade das situações nas quais devemos agir; [...] significa reconhecer os poderes de cegueira ou de ilusão da mente humana, o que comporta uma luta contra as deformações da memória, os esquecimentos seletivos, a autojustificativa, a autocegueira; significa incluir no conhecimento objetivo o conhecimento subjetivo do sujeito que conhece [...].(Morin, 2011, p. 61).

A perspectiva apontada por Morin é a de que a relação filme-espectador age como “forma de humanizar o homem e o mundo, na recíproca relação entre parte-todo” com sua potencialidade estética de fazer sentir e de despertar o olhar, pois, “sendo o campo estético do cinema amplo, tolera o maior número possível de formas artísticas” (Morin, 1980, p. 193).

Assim, a inserção do filme por sua potência enquanto linguagem merece destaque em um quadro no qual a relação entre professor e aluno deve ser sempre repensada. Por exercer influência na relação do indivíduo com o mundo, principalmente em uma sociedade audiovisual, como a contemporânea, a escola pode encontrar nos filmes uma maneira de educar.

Na obra “Sobre a Estética”, de 2017, Morin faz a relação entre o potencial impactante de elementos da estética com a sensibilidade dos indivíduos e da sociedade. As grandes obras de arte, como afirma, não trazem apenas divertimento, mas também uma compreensão da condição humana:

Antes de ser uma característica própria da arte, a estética constitui um elemento fundamental da sensibilidade humana, [...] O sentimento estético é uma emoção que nos surge a partir de formas, de cores, de sons, mas também de narrativas, de espetáculos, de poemas, de ideias. (Morin, 2017, p. 13).

Nessa perspectiva, o contato com enredos audiovisuais permite a ressignificação, a renovação e a reorganização de saberes nos debates. Isso porque, no momento em que se assiste a um filme, experiências e saberes são construídos desde o primeiro contato do espectador com a tela.

Em um contexto de trabalho como a escola, é importante mobilizar constantemente o debate. Dessa forma, quando um professor compartilha sua experiência fílmica com outro colega de trabalho, a discussão é potencialmente elevada. Segundo Duarte, essa relação de experiência atribui ao filme uma “profunda dimensão formadora” (Duarte, 2002, p. 62), e os efeitos do contato com as obras passam a ser percebidos no médio e no longo prazo.

Em certa medida, quando não se compartilha uma experiência, a compreensão não se enraíza ou não se amplia completamente; portanto, uma assimilação exclusivamente individual pode ser menos transformadora do campo do conhecimento humano. A interação do espectador com os aspectos filosófico-existenciais de um filme tratado na escola, nos momentos de encontros de diálogos pedagógicos, significa uma oportunidade de conscientizar a coletividade para a transformação do olhar sobre a criança. Ou seja, uma prática que investiga o processo de ensino e aprendizagem, ao mesmo tempo, cria estratégias pedagógicas.

Cabe aqui um parêntese: no debate referente à escolha de seus recursos, na relação entre filmes e educação, a literatura desfruta de um status diferente daquele atribuído ao filme no espaço escolar. Nesse sentido, cabem as reflexões da pesquisadora Rosália Duarte:

Afinal, educação não tem mesmo nada a ver com cinema? Atividades pedagógicas e imagens fílmicas são, necessariamente, incompatíveis? Por que se resiste tanto em reconhecer nos filmes de ficção a dignidade e a legitimidade culturais concedidas, há séculos, à ficção literária? (Duarte, 2002, p. 19).

O uso dos filmes como estratégia no contexto das escolas é uma oportunidade para o professor testar, ensaiar e conhecer melhor as potencialidades de pessoas que necessitam de uma atenção particular em suas trajetórias de vida e de construção de conhecimento. Nos momentos de

reuniões de professores, o enredo fílmico se configura como reflexão, sem precisar formar técnicos nessa linguagem. A experiência cinematográfica problematizada e discutida no campo da educação pode ser uma iniciativa para formar profissionais inclusivos nas escolas, que atendam ao princípio de “educação para todos”.

No caso da dislexia, “Como estrelas na Terra” (2007) expõe uma realidade comum na escola pública brasileira. Entretanto, as interpretações, as abordagens e as discussões sobre a experiência de ver filmes são feitas em tom recapitulativo, contextualizador, ou meramente sinóptico.

É comum, entre professores, ler e ouvir comentários como “é bom pra tratar a deficiência com professores ou alunos” ou “serve para mostrar como lidar com esse ou aquele problema”; todavia, o que se propõe neste artigo é perceber como resoluções similares às das dificuldades tratadas no enredo ficcional – na medida em que expõe, por exemplo, a sensação de incapacidade e de não pertencimento por parte do protagonista –, tão recorrentes na escolarização básica, podem contribuir para humanizar as relações no espaço de ensino.

O filme oferece uma experiência especial aos professores e amplia o olhar e a sensibilidade na relação com as crianças. Além de arte, o cinema é uma prática social capaz de conduzir à formação humana. É tão importante quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, dentre tantas outras. A dimensão de sentidos e o espectro de possibilidades expressivas, visuais e sonoras presentes nesse enredo enriquecem as relações dentro da escola.

## Considerações finais

Neste artigo, procuramos destacar movimentos, debates e reformulações que a experiência fílmica destinada a professores pode oferecer, desvelando o trato despendido aos alunos na escola. O enredo ficcional pode contribuir para enfrentar barreiras e promover rupturas, assim como para a renovação de valores sociais e culturais. Toda criança é especial e necessita do olhar de um adulto que a ajude a descobrir o mundo, superar suas dificuldades pessoais e aprender a lidar com suas diferenças.

Uma escola que efetivamente se destine a todos precisa, sobretudo, acolher as singularidades e especificidades que compõem a coletividade. A presença de reflexões suscitadas pelo cinema entre professores agrega pontos fundamentais que permitem compartilhar impressões, opiniões, valores morais e éticos, bem como provocar a tomada de consciência que faz ecoar seus sentidos.

A interpretação que cada professor faz dessas narrativas está relacionada às informações e aos saberes constituídos em sua experiência de vida. Mas não só: a obra pode sensibilizar o docente de seu papel na inclusão e inspirar a desenvolver práticas educativas marcantes.

A pessoa com necessidades especiais sempre esteve presente na sociedade, apesar de ainda existir uma cortina de desinformação que a esconda. Dar visibilidade a essa presença utilizando-se de filmes que tratam da temática é uma forma de provocar a escola e a sociedade da qual ela faz parte. Experiências como essa ressoam nos espectadores.

Narrativas audiovisuais são capazes de polinizar saberes, fecundar valores que podem transformar a percepção de muitos. Com sua qualidade

ALMEIDA, C. R. S., ANTONELLI, M.M., PENA, S. O. *Sob o olhar que acolhe: sensibilidade e (in)compreensão na escola.*

estética e poética, a sétima arte permite ao indivíduo a (re)descoberta de si mesmo, a compreensão do ser humano e sua relação com o todo.

O filme tratado aqui mostra, além das dificuldades de uma pessoa disléxica, a importância de que os pais e os educadores olhem para as crianças com olhos curiosos e não façam pré-julgamentos. Muitas vezes, pode-se considerar uma criança bagunceira ou preguiçosa, sem perceber nela alguma condição diagnosticável, como déficit de atenção, hiperatividade, depressão, ansiedade ou dislexia, como é o caso do garoto Ishaan, em um mundo no qual a incompreensão provoca males que afetam as pessoas cada vez mais cedo.

Através do contato com o cinema, pode-se educar o olhar e a sensibilidade para ver o outro com empatia; esse, inclusive, é um objetivo que os professores podem estabelecer em seus planos de ensino. Ao contribuir para humanizar o contato com experiências de vida individuais, o professor também ensina a conviver com os alunos especiais.

## Referências

ALVES, Rubens. **Por uma educação romântica.** Campinas: Papirus, 2002.

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação:** epistemologia e didática. 4. ed. Piracicaba: Unimep, 2011.

COMO ESTRELAS NA TERRA: Toda Criança é Especial. Direção: Aamir Khan. Produção/Distribuição: Aamir Khan Productions, 2007. (Longa-Metragem, 164 min).

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ensinar a viver:** manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

\_\_\_\_\_. **Meus filósofos.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

\_\_\_\_\_. **O cinema ou o homem imaginário:** ensaio de antropologia. 2. ed. Lisboa: Editora Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sobre a estética.** 1. ed. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2017.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece:** vencendo as barreiras da dislexia. São Paulo: Alegro, 2002.

RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Revista de Psicopedagogia.** São



ALMEIDA, C. R. S., ANTONELLI, M.M., PENA, S. O. *Sob o olhar que acolhe: sensibilidade e (in)compreensão na escola.*

Paulo, v. 33, n. 100, p. 86-97, 2016. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862016000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000100010&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 12 jul. 2020.

ZARDO, Sinara Pollom. Formação de Professores para a Atuação em Escolas Inclusivas: a experiência da tutoria nos cursos de graduação da Universidade de Brasília (UNB). *In: SILVA, Lázara Cristina da; REIS, Cinval Filho dos; SILVA, Wender Faleiro da. (Org.). Educação especial e inclusão educacional: evidências e esmaecimentos na formação dos professores.* Uberlândia: Navegando Publicações, 2019.

Enviado em: 26/08/2020 | Aprovado em: 02/06/2022

